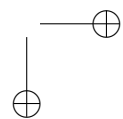
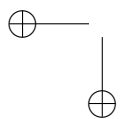
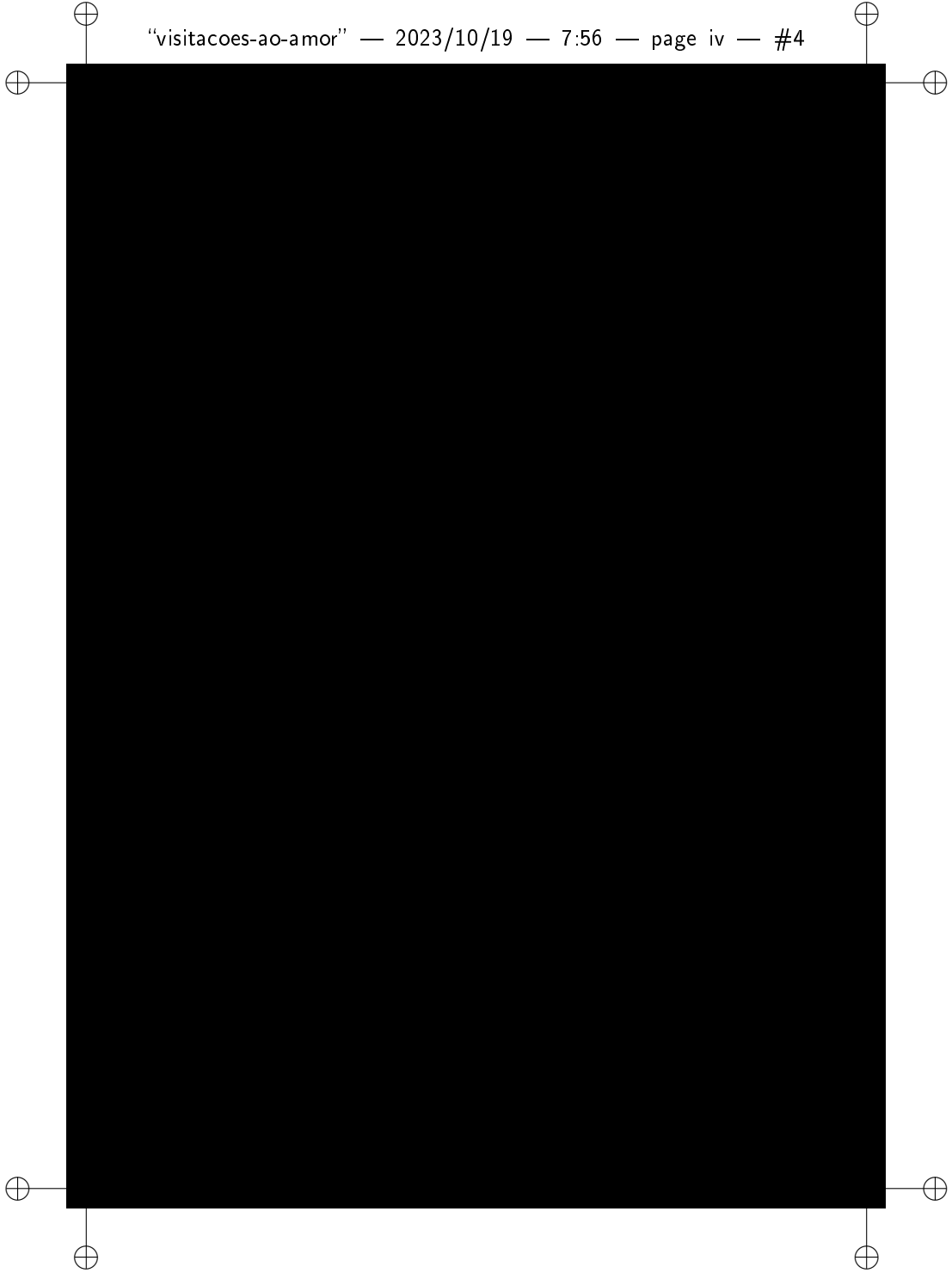


Piet Mondrian. *Composition: No. II, with Yellow, Red and Blue*, 1927.



Visitações ao amor



Visitações ao amor

Tanussi Cardoso
Francisco Caruso (Org.)
Mirian de Carvalho (Org.)
Adriano Espínola
Sergio Fonta
Cláudio Murilo Leal
Edir Meirelles
Carmen Moreno
Antonio Carlos Secchin
Maria Dolores Wanderley

Copyright © 2023 Francisco Caruso

1ª Edição

Direção Editorial: José Roberto Marinho

Projeto gráfico e diagramação: Francisco Caruso

Capa: Fabrício Ribeiro

Texto em conformidade com as novas regras ortográficas do
Acordo da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Visitações ao amor / organização Francisco Caruso, Mirian de
Carvalho. – 1. ed. – São Paulo: Livraria da Física, 2023.

Vários autores.

ISBN 978-65-5563-383-2

1. Poesia brasileira - Coletâneas I. Caruso, Francisco.
- II. Carvalho, Mirian de.

23-175862

CDD-B869.108

Índices para catálogo sistemático:

1. Antologia: Poesia: Literatura brasileira B869.108

ISBN 978-65-5563-383-2

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



**Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra
poderá ser reproduzida sejam quais forem os meios
empregados sem a permissão da Editora. Aos infratores
aplicam-se as sanções previstas nos artigos 102, 104, 106
e 107 da Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.**

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

Editora Livraria da Física

Tel./Fax: +55 11 3459-4327 / 3936-3413

www.livrariadafisica.com.br

www.lfeditorial.com.br

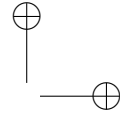
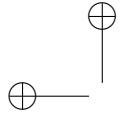
Sumário

A pedra do amor, por <i>Mirian de Carvalho</i>	xv
<i>Tanussi Cardoso</i>	1
Ainda o amor	3
Cilada	4
Do aprendizado do ar	5
Do perigoso amor	6
Fado	7
Indagações sobre impossibilidades	8
Morada	9
Para sempre	10
<i>Francisco Caruso</i>	11
Quem me dera	13
A cama	14
Terremoto	15
Meu testemunho	16
A soidade e o fado	17
Amor com A	18

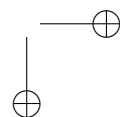
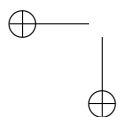
Palavras	19
Terra e céu	20
Mirian de Carvalho	21
Espera	23
Apropriação I	24
Apropriação II	25
Apropriação III	26
Apropriação IV	27
Apropriação V	28
Apropriação VI	29
Apropriação VII	30
Adriano Espínola	31
Verão	33
Maramar	34
Um	35
Branca	36
Vinho	37
Cinema Paradiso	38
Consolo na praça	39
Orfeu canta mais uma vez de bar em bardo a história de sua quase façanha amorosa	40
Sergio Fonta	41
Sangue central	43
Sexamorologia	44
Epitáfio	45
Em transe	46
Procura	47
Por uma janela	48

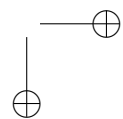
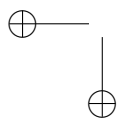
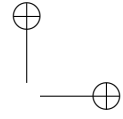
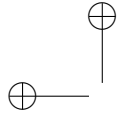
Retro-espectro	49
Poeminha para Francisca	50
Cláudio Murilo Leal	51
Horas	53
Sussurros	54
Em busca da amada	55
Ludus do amor impossível	56
Em busca da amada	57
Síntese	58
Som	59
Ludus	60
Edir Meirelles	61
Fantasia	63
Visão excitante	64
Sonhar, sonhar, sonhar	65
Serei teu colibri	66
Deuses & ninfas	67
Onde a lua se esconde	68
Desandando	69
Relembraças	70
Carmen Moreno	71
Remorso	73
Morte em vida	74
Separação	75
O último dia	76
Estrangeiros	77
O tempo do amor	78
Ensaio sobre as manhãs	79

Almas	80
Antonio Carlos Secchin	81
Três toques	83
Sete anos de pastor	84
Ou	85
Itinerário de Maria	86
Cartilha	87
É ele	88
"Com todo o amor..."	89
Artes de amar	90
Maria Dolores Wanderley	91
Gênesis	93
Encantamento	94
Tu	95
Artesã	96
Esparta	97
Do amor	98
Bolero	99
Sedução	100
Dos autores	101
Tanussi Cardoso	103
Francisco Caruso	105
Mirian de Carvalho	107
Adriano Espínola	109



Sergio Fonta	111
Edir Meirelles	113
Carmen Moreno	115
Cláudio Murilo Leal	117
Antonio Carlos Secchin	119
Maria Dolores Wanderley	121





A pedra do amor



Como foi dito no Prefácio de *Visitações ao fantástico*, eu e Francisco Caruso vimos trabalhado juntos, há mais de duas décadas. Compartilhamos trabalhos em eventos da SBPC, participamos de comissões para exames de dissertações e teses. Tive a oportunidade de acompanhar o projeto pedagógico coordenado por Caruso, que criou uma oficina de ciências e artes para estudantes de escolas públicas situadas no Rio de Janeiro. Entre outras atividades, participei do conselho editorial de *Dialoghi, Rivista di Studi Italici*, periódico editado por Caruso, durante duas décadas, com distribuição nacional e internacional.

Neste ano de 2023, após trazermos a público a antologia intitulada *Visitações ao fantástico*, apresentando textos de vários autores que, em prosa, têm afinidade com essa temática, passamos à poesia, nessa edição de *Visitações ao amor*. Dez poetas aceitaram o encargo de reunir poemas em torno do mais difícil dos temas: o *amor*. Eu e Caruso, estamos entre eles, aqui citados por ordem alfabética: Tanussi Cardoso, Adriano Espínola, Sergio Fonta, Cláudio

Murilo Leal, Edir Meirelles, Carmen Moreno, Antonio Carlos Secchin e Maria Dolores Wanderley. Ao desafio temático, ninguém teve medo do amor. E, sem normas preestabelecidas, a poesia surgiu.

No tempo de estudante, me encantei com esta frase: "A poesia começa quando chamamos de pombas os navios e de telhado o mar." O autor? Não sei. Faz tanto tempo! Procurei até na *internet*. Hoje, outro ângulo do surgimento da poesia me cativa. A poesia inicia-se em qualquer lugar e em qualquer tempo. E de vários modos. Por vezes, conduz metáforas, mas não segue modelos. Não é possível dizer do seu começo. Podemos chamar de mar as pedras; de areias, os navios; de telhado, o telhado. Tudo depende do poema e do poeta.

Na poesia, cabe o anti-poema, há lugar para enumerações caóticas, desconstruções, desvairismos, *non sense*. A imagem poética não substitui coisa alguma, nem precisa de similitude com o mundo empírico. Tal liberdade surge "no instante poético"¹ – um tempo sem medida –, que não conhece diacronia e acolhe a imagem poética nos deslocamentos da "verticalidade".² Em movimento ascendente ou descendente, de acordo com o ânimo poético, a imagem chega à vertigem, quando, então, eclode em linguagem, para dizer algo pela primeira vez. Às vezes, a voz poética vibra através do não dito, como no poema

¹ BACHELARD, Gaston. *O direito de sonhar*. Trad. José Américo Pessanha e outros. São Paulo: Difel, 1986, p. 183.

² Idem.

“Amavisse”, em que Hilda Hilst, em todos os versos, e apaixonadamente, fala do amor, sem mencionar a palavra “amor”:

Como se te perdesse, assim te quero.
Como se não te visse (favas douradas
Sob um amarelo) assim te apreendo brusco
Inamovível, e te respiro inteiro.

Um arco-íris de ar em águas profundas.

Como se tudo o mais me permitisses,
A mim me fotografo nuns portões de ferro
Ocre, altos, e eu mesma diluída e mínima
No dissoluto de toda despedida.

Como se te perdesse nos trens, nas estações
Ou contornando um círculo de águas
Removente ave, assim te somo a mim:
De redes e de anseios inundada.

Sobre o amor, pronunciado seu santo nome em vão, ou trazido à pele – no êxtase do sentir –, a poesia configura graus e intensidades do sentimento relacionado ao plural de sua presença ou ausência. E, no verso, eclode o sentimento do amor perdido. Pontua-se a ânsia do amor idealizado. Fugidio. Encontrado. Erotizado. Sensual. Ou impossível de cama e mesa. E tantos outros amores pontuam-se num sem fim de avanços do desejo e do afeto. E vai-se o tempo. Dormem no passado os escritos sobre poesia. Só a poesia não passa. Drummond encontrou uma pedra; ela nunca foi esquecida. João Cabral, entre o catar

feijão e a escrita, igualmente, achou sua pedra poética, reavivando os sentidos da vida.

Ao reler o poema “Catar feijão”, imagino que todo poeta encontra uma pedra, para dar sentido e intensidade à poesia, tal fosse ela ferramenta de amolar faca e poema. E o poeta pode escolher jogá-la fora, tal fosse ela feijão oco ou pedra de quebrar dente. Na poesia, pedra é imagem e sonoridade. Mas pode revelar delicada aspereza, que enuncia o tom vibrante numa parte do poema. Pedra pode ser limo. Rio. Música. Pedra pode ser tempo. Quem sabe, calendário? Carnaval? Desencanto? Memória? Amor. Pedra, sempre. E, jamais, pedra.

Podemos então dizer que, em *Visitações ao amor*, o tema e o motivo convidaram os poetas aqui presentes a encontrar uma pedra no seu acervo poético. Cada um deles, entre vários estilos, rumos, ritmos, imagens, da forma fixa aos versos brancos e livres, da isometria à heterometria, encontrou o amor e seguiu caminho de um chamamento inaudível, que agora envolve a leitura. Ao entreabrir-se da poesia, tudo se revela etéreo e tátil, nos lugares e instantes da linguagem dizendo imagens. Se, como foi imaginado por Cecília Meireles, “A vida só é possível reinventada”, penso numa transposição da vida ao amor.

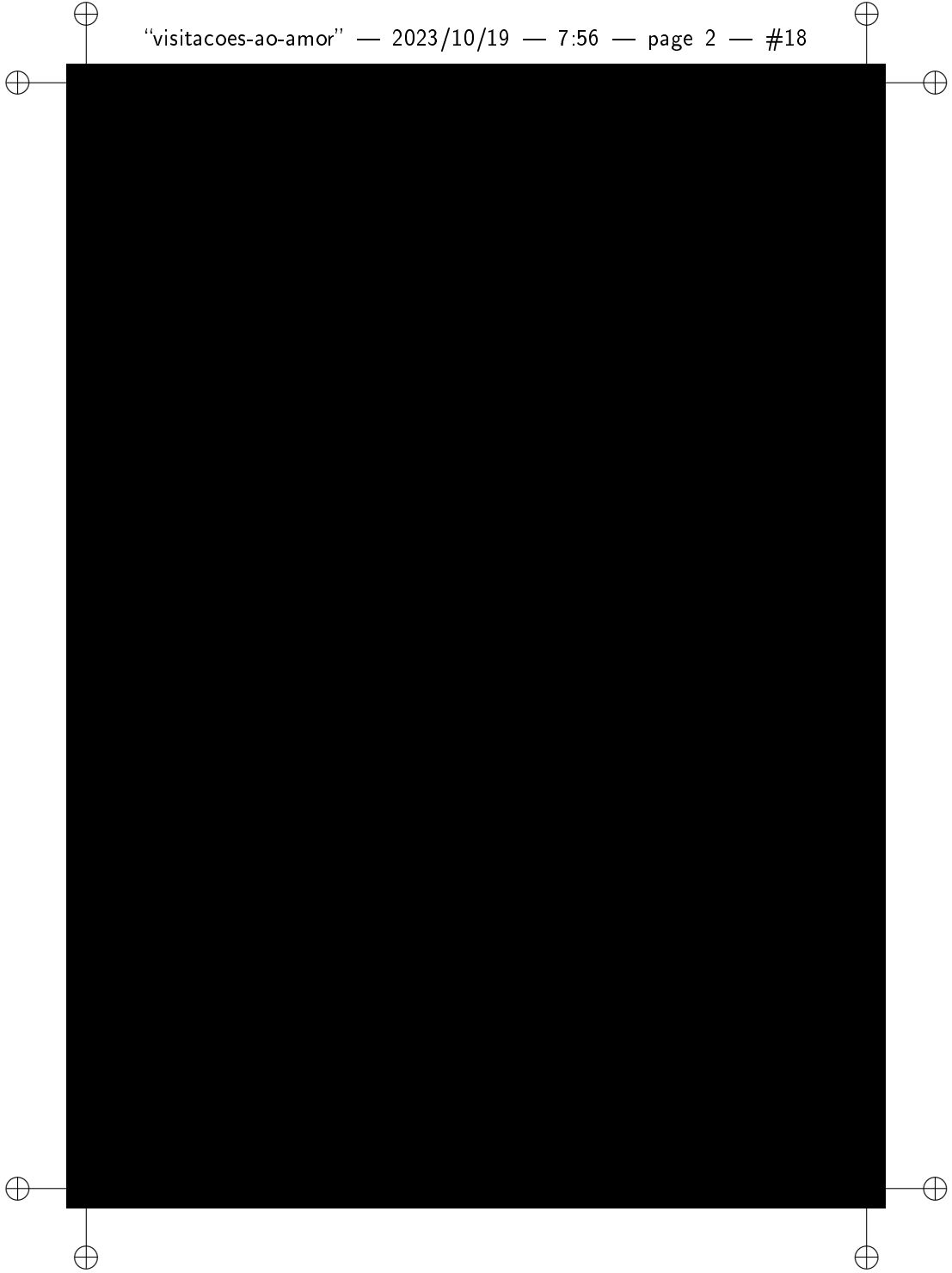
Em *Visitações ao amor*, dez poetas dispuseram-se a tal reinvenção. Cada um a seu modo, nove poetas atingiram o objetivo. Sobre meus versos, não sei dizer.

Mirian de Carvalho

Rio de Janeiro, 6 de outubro de 2023.

1

Tanussi Cardoso



Ainda o amor



primeira estocada é a que vale.
Sangra uma dor
para sempre.

A última não fere mais
o escudo
invisível.

O corpo é o mesmo
porém, duro,
impenetrável.

Cilada



amor não é a lua
iluminando o arco-íris
nem a estrela-guia
mirando o oceano

O amor não é o vinho
embebedando lençóis
nem o beijo louco
na boca úmida do dia

O amor não é a angústia
de se encontrar o sorriso
nem o vermelho
do coração dos pombos

O amor não é a vitória
dos navios e dos barcos
nem a paz cavalgando
cavalos alados

O amor é, sobretudo
a faca no laço do laçador
O amor é, exatamente
o tiro no peito do matador